

Casa de barro: uma experiência agroecológica no vale do Contestado

Casa de Barro: an agroecological experience in the Contestado Valley
Casa de Barro: una experiencia agroecológica en el Valle del Contestado

Fabíola Rubas Giroto³⁷

Gustavo Luis Paniz³⁸

Karine Louise dos Santos³⁹

settlement. In this unit, in addition to the production of food in an agroforestry system and the development of products prepared with native fruit, where all the production surplus is directly marketed, the bioconstruction buildings also stand out.

Keywords: Agroecology; Agrarian reform; Agroforestry systems.

RESUMO

O presente trabalho apresenta a experiência da “Casa de Barro - produtos artesanais”, uma unidade de produção agroecológica, no Vale do Contestado, em um assentamento da reforma agrária. Nesta unidade além da produção de alimentos em sistema agroflorestal e o desenvolvimento de produtos com frutas nativas, onde todo o excedente da produção é comercializado de forma direta, também se destacam as edificações em bioconstrução.

Palavras-chaves: Agroecologia; Reforma Agrária; Sistema Agroflorestal.

ABSTRACT

The present paper introduces the experiment of “Casa de Barro – artisanal products”, an agroecological production unit in the Contestado Valley region in an agrarian reform

RESUMEN

Este trabajo muestra la experiencia de la “Casa de Barro - productos artesanais”, una unidad de producción agroecológica localizada en el Valle del Contestado, en un asentamiento de la reforma agraria. En esta unidad, además de producir alimentos en sistema agroforestal y desarrollar productos con frutas nativas, donde todo el superávit es comercializado de forma directa, también se destacan las construcciones de bioconstrucción.

Palabras-clave: Agroecología, Reforma agraria, Sistema agroforestal.

Introdução

A experiência da Casa de Barro, tem início em janeiro de 2017, quando o casal Fabíola e Gustavo estabelecem morada no Assentamento 1º de Maio em Curitiba – SC, assentamento este em que a família de Fabíola foi assentada no ano de 1997. O processo inicia com a construção de uma casa baseada em bioconstrução. Neste período, Fabíola fazia parte do coletivo estadual da juventude Sem Terra e a construção da casa despertou o interesse dos demais integrantes

³⁷ Fabíola Rubas Giroto, Graduada em Administração pela Universidade do Vale do Itajaí, pós-graduada em Arte no Campo pela UFSC, militante do MST; fabiolarubas@yahoo.com.br.

³⁸ Gustavo Luis Paniz, graduado em Licenciatura em Música pela UDESC, pós-graduado em Arte no Campo pela UFSC, militante do MST

³⁹ Programa de Pós-Graduação em Ecossistemas Agrícolas e Naturais/Universidade Federal de Santa Catarina, karine.santos@ufsc.br

do coletivo e com isso foi realizado um mutirão com a juventude do referido coletivo. Neste mutirão inicia-se um debate focado no tema da agroecologia e que mais tarde culminaria na proposta de criação de laboratórios populares de agroecologia nos territórios onde os jovens estivessem inseridos. Um desses espaços passa a ser a Casa de Barro, um espaço de estudo, experiências e trocas.

Com esses processos de aprofundamento dos estudos sobre agroecologia, após uma visita realizada por Gustavo ao Assentamento Contestado, localizado na Lapa – PR, onde se trabalha com a temática de Sistemas Agroflorestais, foi iniciada, em setembro de 2018, uma agrofloresta na unidade de produção.

A Casa de Barro fica na região do Contestado, a 950 metros de altitude, o inverno é muito rigoroso, porém estamos no Vale do Rio Marombas, desta forma somos pouco atingidos pelas geadas que ocorrem na região, por outro lado temos menos horas de sol por conta da incidência de neblina. Até o momento, não foram encontrados estudos de experiências avançadas em agrofloresta nessa região, o que tem dificultado o processo de implantação e estabelecimento da experiência. De toda forma, por meio da experiência e observação, entre erros e acertos, essa experiência agroecológica vem se desenvolvendo, sendo objetivo deste relato partilhar alguns aprendizados com o público interessado.

Desenvolvimento da experiência

A experiência inicia com o sonho do casal Fabíola e Gustavo, morando no Assentamento e construindo uma casa de Barro. O casal que já atuava como militante do MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra), quando em conjunto com o coletivo estadual da juventude Sem Terra de Santa Catarina, decide fazer deste espaço um espaço de pesquisa popular sobre experiências agroecológicas, entretanto com muitas dificuldades ainda sobre qual caminho seguir neste experienciar.

Inicialmente o foco principal era a construção da casa, porém a experiência já permite produção para além do autoconsumo, pois o casal comercializa o excedente em feiras e para o PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar). Os produtos são comercializados de forma direta com os consumidores, a forma de comercialização se dá pelo envio da lista de produtos para uma rede de contatos, que fazem o pedido e depois retiram no local combinado. Os produtos disponíveis variam de acordo com cada período e entre os produtos oferecidos estão feijão, pipoca, amendoim, conservas, geleias de frutas nativas, licores, cervejas (que ainda estão no caminho de serem produzida com a cevada já cultivada na agrofloresta), mel e queijo.

Uma característica da experiência vem sendo a busca por aprimoramento das práticas produtivas, sendo uma etapa marcante para a configuração do sistema produtivo a visita de Gustavo ao Assentamento Contestado, onde os assentados possuem agroflorestas com mais de 10 anos de experiência. Essa etapa dá confiança e estímulo para que o casal em setembro de 2018, inicie o plantio das primeiras árvores dando início a agrofloresta.

A agrofloresta inicia com o plantio de eucalipto e algumas frutíferas enxertadas que são adaptadas a região como pêra, ameixa, pêssigo; além de outras espécies que estão sendo conduzidas como experiência de adaptação, como as oliveiras e o carvalho japonês. As bananeiras estão sendo inseridas aos poucos devido à dificuldade de encontrar mudas na região. Posteriormente foram inseridas árvores nativas como a goiaba serrana, guabijú, araçá, sete capote, bracatinga, erva-mate e guajuvira. Ainda nas linhas, entre as árvores, são inseridos cultivos de extrato baixo como hortaliças, pimentões e pimentas, açafrão, mandioca, louro, temperos e ervas medicinais.

Nas faixas de 6 metros entre as linhas o foco é a produção de grãos, no verão são cultivadas diferentes variedades crioulas de feijão e milho, além de arroz, amendoim, melancia, melão, morangas e abóboras (Figura 1A). Já no inverno predominam o

cultivo de trigo, cevada, cebola e alho dente-de-burro (Figura 1B). A produção da agrofloresta tem como foco principal atender a demanda da subsistência e posteriormente a venda do excedente. No verão há mais diversidade do que no inverno, essa é uma característica da região.

Figura 1: Conformação da Agrofloresta no verão (A) e no Inverno (B)



Fonte: foto dos autores. 2022

As frutas nativas vêm ganhando destaque na composição da agrofloresta, primeiramente pelo fato de sua baixa densidade nas áreas de mata da região, assim, a experiência busca enriquecer a paisagem com essas espécies. Bem como, tem-se buscado formas de entender e utilizar essas frutas que são abundantes na unidade de produção, como a araucária, guavirova, guamirim, tarumã e butiá, para alimentação, mas também como fonte de renda, especialmente na elaboração de geleias, licores e conservas.

Para além da colheita destas frutíferas, também é realizado o manejo de forma semelhante as frutíferas convencionais, como adubação orgânica e poda, e com isso já tem se observado a melhora na qualidade da frutificação destas árvores.

A agrofloresta tem apresentado, ainda que de forma muito sutil, maior resistência às alterações climáticas, principalmente em relação aos períodos de estiagem, se comparada às áreas que não são agroflorestais. Ainda que o sistema seja recente e o processo de recuperação e equilíbrio do solo precise de mais tempo, as linhas de árvores reduzem a incidência de ventos e podem ser manejadas para que em períodos muito quentes tenha sombreamento favorecendo assim o cultivo de plantas que

sofrem mais com o calor ou são mais exigentes em umidade do solo. No inverno, através do manejo de podas, é possível melhorar a incidência de sol durante o inverno, proteger o solo de processos erosivos e promover a ciclagem de nutrientes essenciais aos cultivos.

De forma geral, a amplitude desta experiência perpassa pela bioconstrução, agrofloresta, desenvolvimento de receitas de frutas nativas e geração de renda através da venda direta do excedente. Assim, vem agregando qualidade de vida aos envolvidos (figura 2), e gerando muitos debates e trocas de conhecimento dentro dos assentamentos e também em outros espaços como nas escolas e a universidade.

Figura 2: Gustavo Paniz, Lulis Giroto e Fabíola Giroto



Fonte: foto dos autores. 2022

Dificuldades

Este processo, que caminha para o quarto ano, encontra dificuldades na falta de literatura específica sobre agroflorestas com o clima da região serrana, onde o inverno é muito rigoroso e a maioria das árvores entram em dormência. As bananeiras, que são parte fundamental nos processos agroflorestais em regiões mais quentes, em clima frio tem um crescimento muito lento, estagnado no período de inverno.

Outra dificuldade é conseguir insumos e sementes agroecológicas em quantidades compatíveis com pequenas agroflorestas, pois as agropecuárias do município trabalham apenas com vendas de insumos em grande escala.

Principais resultados alcançados

Na trajetória percorrida de 2018 até a data de elaboração deste relato, podemos observar que é realmente possível viver em 2 hectares de terra e deste território construir moradia, produzir a subsistência e produzir alimentos de sobra para gerar renda. Esse modelo de agricultura permite a conservação da mata nativa, pois com apenas 4500m² de agrofloresta o restante da permanece com a mata protegida. A fonte de renda de Fabíola e Gustavo vem exclusivamente do plantio e manejo deste território, sendo de grande relevância o processo de comercialização que já está consolidado e tem agregado outros produtores da região através de parcerias. Essas parcerias têm possibilitado aumentar a variedade de produtos oferecidos, como farinhas de milho e trigo, cachaça, vinho e panificados, entre outros. Além de se tornar um canal de comercialização com valor justo para estas famílias, a maior diversidade de produtos ofertados faz com que as vendas continuem crescendo mesmo durante o forte período de recessão econômica do país.

Disseminação da experiência

A experiência da Casa de Barro está em consonância com a proposta de reforma agrária popular e com o *Plano Nacional Plantar árvores produzir alimentos saudáveis* do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, que tem como principal meta o plantio de 100 milhões de árvores em 10 anos, sendo que 4 milhões cabem ao estado de Santa Catarina.

Por ser uma pioneira neste processo nos assentamentos aqui de Santa Catarina, a experiência da Casa de Barro tem servido de referência na construção de outros projetos, dentro e fora dos assentamentos.

Adicionalmente, a experiência tem se proposto a participar de espaços de debates em escolas de educação básica, quando o tema é agroecologia, e com isso tem divulgado esta proposta de construção de sociedade. Na unidade de produção ainda são recebidas estagiárias da Escola 25 de maio de

Fraiburgo, que oferta o Curso Técnico em Agroecologia.

A agrofloresta é uma possibilidade de produção de alimentos que tem de ser tratada como foco principal dos tempos em que vivemos, pois com as mudanças climáticas é urgente que a forma de cultivo seja alterada. A agrofloresta é uma possibilidade de transformação deste quadro que vivemos com a produção de alimentos, renda e recuperação de solo.